



ARTIGOS

A PERCEPÇÃO AFETIVA DE AFFORDANCES *

The Affective Perception of Affordances

Eros Moreira de Carvalho **

Resumo: Rob Withagen radicalizou a distinção entre affordances e solicitações em dois aspectos: (i) affordances deixam de cumprir um papel explicativo do comportamento do organismo, apenas solicitações o fazem; (ii) solicitações não são apenas affordances relevantes afetivamente carregadas, elas abrangem também percepções errôneas afetivamente carregadas. Argumento que Withagen foi longe demais. Se entendemos as affordances como uma relação entre as habilidades de um organismo individual e o seu ambiente, então já temos recursos suficientes para incorporar a afetividade. Afetos tanto constituem habilidades perceptuais quanto modulam o seu exercício, de modo que não há percepção de affordance completamente livre de afetividade. Estados afetivos são cruciais para dirigir a nossa atenção para as possibilidades de ações que são relevantes para a atividade em que estamos engajados e para nos dar um senso da qualidade da nossa relação com o ambiente.

Palavras-chave: Affordances. Psicologia ecológica. Afetividade. Percepção direta. Rob Withagen.

Abstract: Rob Withagen has rendered the distinction between affordances and invitations more radical in two aspects: (i) affordances do not explain behavior anymore, invitations do; (ii) invitations do not boil down to affectively charged affordances, they also encompass affectively charged misperceptions. I argue that

* Artigo recebido em 19.10.2024 e aprovado para publicação em 05.11.2024.

** Doutor em Filosofia. Professor Associado do Departamento de Filosofia da UFRGS. Este trabalho contou com o apoio da CAPES e suporte financeiro do CNPq, processo n. 306795/2021-3. E-mail: eros.carvalho@ufrgs.br.

Withagen went too far. If we understand affordances as a relation between the abilities of an individual organism and its environment, then we already have sufficient resources to incorporate affectivity in the ecological approach. Affective states constitute perceptual abilities and modulate their exercise, in that every perception of affordance is affectively charged. Affective states are crucial for guiding our attention to the possibilities of action relevant to the activities in which we are engaged and for providing a sense of the quality of our relationship with the environment.

Keywords: Affordances. Ecological psychology. Affectivity. Direct perception. Rob Withagen.

Introdução

Em virtude da virada afetiva nas ciências cognitivas¹ nas duas últimas décadas, nota-se um interesse crescente em atualizar a psicologia ecológica para que ela incorpore de modo mais frontal o papel da afetividade na percepção. Embora o arcabouço teórico fornecido por James Gibson não seja incompatível com a modulação da percepção por afetos, Gibson não articulou esse aspecto na sua teoria.² Para acomodar a afetividade na abordagem ecológica, Rietveld et al.³ introduziram a distinção entre affordances e solicitações. As primeiras são relações mais estáveis entre o ambiente e habilidades disponíveis em uma forma de vida e não dependem da percepção, nem dos estados afetivos de organismos particulares, ao passo que as solicitações são transitórias, individuais, dependentes da percepção e profundamente emaranhadas aos afetos correntes de um organismo em particular. Em um esforço para acomodar a afetividade na psicologia ecológica, Rob Withagen radicaliza ainda mais a distinção entre affordances e solicitações.⁴ Affordances não cumprem mais um papel explicativo, isto é, elas não guiam o comportamento. Elas servem para avaliar se o comportamento de um indivíduo é adequado ao seu ambiente ou não. As solicitações possuem um caráter demandante, eles solicitam a ação do organismo. Por exemplo, se estou com sede, a garrafa de água na minha frente se impõe e solicita a ação de beber água. Rob Withagen vai ainda mais longe e sustenta que algumas solicitações nem mesmo implicam affordances. É o caso do sujeito que percebe uma aranha não venenosa como oferecendo perigo e se afasta. As solicitações, não as affordances, guiam e, portanto,

¹ CLOUGH, P. T. *The Affective Turn: Theorizing the Social*. Durham: Duke University Press, 2007.

² CARVALHO, Eros Moreira. Affective Affordances Direct Perception Meets Affectivity. *Perspectiva Filosófica*, v. 49, n. 5 (2022), p. 29-51, aqui p. 31.

³ RIETVELD, E.; DENYS, D.; VAN WESTEN, M. Ecological-Enactive Cognition as Engaging with a Field of Relevant Affordances: The Skilled Intentionality Framework (SIF). In: NEWEN, A.; DE BRUIN, L.; GALLAGHER, S. (Eds.). *The Oxford Handbook of 4E Cognition*. Oxford: Oxford University Press, 2018, p. 40-70.

⁴ WITHAGEN, R. *Affective Gibsonian Psychology*. New York, NY: Routledge, 2022.

explicam as ações dos indivíduos. Neste artigo, argumento que Withagen foi longe demais. Se entendemos as affordances como uma relação entre as habilidades de um organismo individual e o seu ambiente, então já temos recursos suficientes para incorporar a afetividade. Afetos tanto constituem habilidades perceptuais quanto modulam o seu exercício, de modo que não há percepção de affordance completamente livre de afetividade. Como, na perspectiva ecológica, a função da percepção é guiar a ação, estados afetivos são cruciais para dirigir a nossa atenção para as possibilidades de ações que são relevantes para a atividade em que estamos engajados e para nos dar um senso da qualidade da nossa relação com o ambiente. Nem todas as affordances solicitam por igual, mas isso tem a ver com o modo como os afetos modulam o exercício das habilidades que trazemos para lidar com o ambiente em uma situação em particular.

Na próxima seção, apresento os princípios centrais da abordagem ecológica da percepção. Em seguida, articulo o conceito de *solicitação*, que, na literatura da psicologia ecológica, foi introduzido tanto para fazer justiça à fenomenologia da nossa experiência — em especial, o fato de que o mundo aparece para os organismos como demandando determinadas ações — quanto para restringir o conjunto de affordances que constroem e guiam o comportamento do organismo em uma determinada situação. A seção sobre solicitações é dividida em duas subseções. A primeira é dedicada a apresentar a abordagem da estrutura da intencionalidade habilidosa. Essa abordagem tornou-se central na psicologia ecológica para explicar como affordances adquirem o caráter solicitante e como affordances solicitantes guiam o comportamento dos organismos. A segunda subseção apresenta a articulação mais recente de Withagen da noção de *solicitação*. Embora baseado na abordagem da estrutura da intencionalidade habilidosa, Withagen estende a noção de *solicitação* para abranger percepções errôneas. Segundo Withagen, esse é o preço a se pagar para incorporar a afetividade na abordagem ecológica da percepção. Na última seção, argumento que não precisamos pagar esse preço e que, devidamente compreendida, a afetividade é o que permite que organismos percebam a qualidade da sua relação com o ambiente e tenham uma vida bem sucedida nele. Os casos que Withagen descreve como envolvendo erros perceptuais são, na verdade, casos de acerto perceptual graças aos afetos. Termina a seção argumentando que toda percepção de affordance é mediada pela afetividade.

1. A abordagem ecológica da percepção

James Jerome Gibson e Eleonor Gibson articularam a abordagem ecológica da percepção nos anos 60 e 70.⁵ Essa abordagem foi apresentada como uma

⁵ GIBSON, E. J. *Principles of Perceptual Learning and Development*. New York: Meredith Corporation, 1969; GIBSON, James J. *The Senses Considered as Perceptual Systems*. London: George

alternativa tanto ao behaviorismo, que nesta época sofria vários ataques do cognitivismo nascente, quanto ao próprio cognitivismo, que buscava articular os estudos da mente e da cognição em torno das noções de computação e representação. Como abordagens que se filiam ao projeto de mecanização da mente,⁶ o behaviorismo e o cognitivismo falham igualmente em fazer justiça ao caráter ativo dos seres vivos. O projeto de mecanização supõe que organismos podem ser decompostos em partes cujas funções são especificáveis e inteligíveis independentemente do todo do qual fazem parte. O comportamento do organismo é explicado pela interação entre as suas partes e não excede em nada os efeitos que as partes exercem umas sobre as outras. Como as partes, na visão mecanicista, são constituídas por matéria amorfa, isto é, elas só se movem se forem movidas por uma força externa, o todo formado pelas partes é um mecanismo que não tem vida própria. O organismo não produz movimento novo ou intrínseco. O esquema behaviorista estímulo-resposta é uma instanciação desta concepção. A resposta comportamental do organismo é apenas um efeito dos estímulos. O cognitivismo clássico, embora introduza processamento de informação entre o estímulo e a resposta — o chamado “modelo sanduíche da mente”⁷ — e amplie os recursos explicativos para dar conta da variabilidade do comportamento, também não abre espaço para a agência genuína, isto é, a capacidade de agir que não se resume ao movimento das partes. Nesse sentido, o cognitivismo pode ser visto como uma continuação do mecanicismo subjacente ao behaviorismo.⁸ Em contraste, a abordagem ecológica rejeita o projeto de mecanização da mente. Segundo Gibson, nenhuma formulação do esquema estímulo-resposta serve de base para a psicologia.⁹ Organismos são sistemas complexos auto-organizados cujos comportamentos não se reduzem e não podem ser explicados apenas pelo funcionamento das partes. Organismos não são meramente reativos, eles ativamente exploram, modificam e se adaptam ao ambiente.

A psicologia ecológica rejeita a suposição de que a informação para a percepção se resume aos estímulos proximais e a consequência dessa suposição de que os estímulos são pobres em relação às causas distais — os objetos e eventos que mobilizam o nosso ambiente. No caso da visão, por exemplo, o estímulo bidimensional que chega à retina é insuficiente para explicar a percepção rica de objetos e eventos no espaço tridimensional. Para superar essa lacuna, as teorias tradicionais da percepção apelam para conhecimento

Allen & Unwin LTD, 1966–1968; GIBSON, J.J. *The Ecological Approach to Visual Perception, Classical Edition*. New York: Psychology Press, 2015.

⁶ DUPUY, J.-P. *The Mechanization of the Mind: On the Origins of Cognitive Science*. Princeton: Princeton University Press, 2000.

⁷ HURLEY, S. Perception and Action: Alternative Views. *Synthese*, v. 129 (2001), p. 3-40.

⁸ COSTALL, A. From Darwin to Watson (and Cognitivism) and Back Again: The Principle of Animal- Environment Mutuality. *Behavior and Philosophy*, v. 32 (2004), p. 179-195, cf. p. 180.

⁹ GIBSON, J. J. Notes on Action. In: REED, E. S.; JONES, R. (Eds.). *Reasons for Realism: Selected Essays of James J. Gibson*. New York: Routledge, 1982, p. 385-392, cf. p. 388.

de fundo, associações resultantes de experiências passadas ou princípios organizadores inatos que, de um modo ou outro, enriquecem o estímulo proximal recebido pelo organismo.¹⁰ Na abordagem ecológica, a percepção não parte do estímulo proximal, mas da informação ecológica. No lugar do estímulo proximal, efetivo e instantâneo, ao qual o organismo simplesmente reage, Gibson propõe que há uma vasta quantidade de padrões de energia espalhados espacial e temporalmente no ambiente, os quais especificam as suas causas distais.¹¹ Esses padrões de energia — óptica, acústica, mecânica e química — são estímulos não-proximais, potenciais e não-instantâneos que o organismo ativamente busca e explora para perceber o entorno e guiar o seu comportamento. Um padrão de energia específica a sua causa distal se está fortemente correlacionada com ela.¹² Padrões de energia que atendem essa condição são chamados de *informação ecológica* ou *estímulo-informação*.¹³ Um exemplo de informação ecológica é a variável *Tau*.¹⁴ Ela especifica o momento de contato de um objeto que se move em direção ao organismo. A taxa de expansão óptica do objeto no campo perceptual do organismo é inversamente proporcional ao momento de contato. Assim, em vez de tentar calcular o momento do impacto a partir da velocidade e da distância presumida do objeto, como supõem as abordagens tradicionais da percepção, o organismo ativamente se sintoniza à variação dessa taxa para regular o seu comportamento. Nenhuma inferência ou representação é necessária para explicar a percepção. O organismo percebe diretamente o seu entorno ao capturar informação ecológica disponível no ambiente. Como a informação ecológica normalmente está espalhada no espaço e no tempo, o organismo precisa ajustar continuamente os seus órgãos sensoriais e mover-se no ambiente para capturar essa informação.¹⁵ O ato de perceber nunca é instantâneo, mas contínuo, ocorre ao longo do tempo e resulta da atividade exploratória do organismo.¹⁶

¹⁰ GIBSON, James J.; GIBSON, E. J. Perceptual Learning: Differentiation or Enrichment? *Psychological Review*, v. 62, n. 1 (1955), p. 32-41, cf. p. 34.

¹¹ GIBSON, James J. The Concept of the Stimulus in Psychology. *American Psychologist*, v. 15, n. 11 (1960), p. 694-703; On the Proper Meaning of the Term "Stimulus". *Psychological Review*, v. 74, n. 6 (1967), p. 533-534.

¹² Na literatura, discute-se se a relação de especificação deve ser nomológica, isto é, uma relação 1:1, ou se correlações mais fracas são suficientes para a percepção direta, isto é, que não dependa de processos internos de enriquecimento do estímulo. Para uma discussão dessa literatura, veja Carvalho e Rolla (An Enactive-Ecological Approach to Information and Uncertainty. *Frontiers in Psychology*, v. 11 (2020), p. 1-11), sobretudo a seção "Ecological Information (or information for action)".

¹³ GIBSON, *The Ecological Approach to Visual Perception*, p. 41.

¹⁴ LEE, D. N.; LISHMAN, R. Visual Control of Locomotion. *Scandinavian Journal of Psychology*, v. 18, n. 1 (1977), p. 224-230.

¹⁵ Para uma apresentação mais detalhada do processo de sintonização e captura de informação ecológica, veja Carvalho (An Ecological Approach to Disjunctivism. *Synthese*, v. 198, n. S1 (2021), p. 285-306), sobretudo a subseção "The radio metaphor and perception as the act of picking up information".

¹⁶ GIBSON, James J. The Myth of Passive Perception: A Reply to Richards. *Philosophy and Phenomenological Research*, v. 37, n. 2 (1976), p. 234, cf. p. 235.

O objeto primário da percepção são as affordances. Gibson cunhou esse termo para se referir a possibilidades de ações. Affordance é o que o ambiente “oferece ao animal, o que ele *provê* ou *supre*, para o bem ou para o mal”.¹⁷ Affordances são relacionais em natureza, elas apontam tanto para o ambiente quanto para o organismo. A superfície de um lago não oferece suporte para o animal humano, mas oferece para alguns mosquitos pequenos. Affordances também são sensíveis a variações individuais. Uma garrafa que oferece a oportunidade de agarrar e segurar para mim não oferece essa oportunidade para um bebê. Em um certo sentido, affordances não são nem físicas, nem mentais. Não são físicas no sentido de que as características do objeto ou evento que suportam a affordance devem ser descritas em escala ecológica, isto é, em relação ao corpo ou às habilidades do organismo. Algo que oferece a oportunidade de sentar não é algo que tem meramente 30 ou 40 centímetros de altura, mas algo que tem a altura próxima da do joelho. Não são mentais no sentido de que as características do organismo que suportam a affordance são perfeitamente públicas e inspecionáveis na perspectiva da terceira pessoa. Um degrau é escalável andando se ele mede até 0.8 do tamanho da perna do indivíduo.¹⁸ Acima disso, será preciso o apoio das mãos e braços. Um banco oferece a oportunidade de saltar sobre em relação às habilidades de saltar do indivíduo. A referência ao tamanho das pernas não é suficiente para caracterizar o que, no indivíduo, suporta esta affordance. É necessário apelar também às suas habilidades de salto. Se percebemos primariamente affordances, então o mundo aparece para nós em termos do que podemos fazer com ele. O mundo é significativo para os organismos na medida em que seus corpos e habilidades estruturam o seu campo perceptual. Na abordagem ecológica, a função da percepção não é representar o mundo externo, mas guiar o comportamento adaptativo do organismo.¹⁹ Que percebamos primariamente affordances e não propriedades categoriais dos objetos está em linha com essa suposição.

A noção de affordance é uma das muitas noções da abordagem ecológica que nos levam a rejeitar a centralidade e exclusividade do organismo na compreensão do mundo. O princípio da mutualidade aponta para a necessidade de considerar organismo e ambiente como complementares. Como salienta Gibson, “nenhum animal poderia existir sem um ambiente que o circunda. Igualmente, embora não tão óbvio, um ambiente implica um animal a ser circundado”.²⁰ O ambiente que circunda o organismo não é o ambiente físico, mas o ambiente ecológico, isto é, o ambiente descrito

¹⁷ GIBSON, *The Ecological Approach to Visual Perception*, p. 119.

¹⁸ WARREN, W. H. Perceiving Affordances: Visual Guidance of Stair Climbing. *Journal of experimental psychology. Human perception and performance*, v. 10, n. 5 (1984), p. 683-703, cf. p. 688.

¹⁹ CHEMERO, A. *Radical Embodied Cognitive Science*. Cambridge: The MIT Press, 2009, p. 272

²⁰ GIBSON, *The Ecological Approach to Visual Perception*, p. 4.

em termos complementares às características e habilidade do organismo em questão. Falar em abrigos, tocas, esconderijos, caminhos, alimentos etc. implica já um certo tipo de organismo. De modo semelhante, falar das habilidades de um organismo de agarrar, subir, esconder-se, trepar, caçar etc. implica já um tipo de ambiente. Nesse sentido, um mesmo ambiente físico comporta inúmeros ambientes ecológicos. No caso de espécies sociais, como a humana, o ambiente a ser considerado é fortemente social, pois as coordenações e práticas sociais em curso são o complemento de muitas das habilidades desenvolvidas pelos indivíduos.²¹ Para tomar um exemplo de Gibson bastante discutido, “a caixa postal propicia o envio de cartas a um humano escrevedor-de-cartas em uma comunidade com sistema postal”.²² A habilidade de enviar cartas requer um ambiente onde haja um sistema postal. Assim, explicações psicológicas devem considerar tanto o organismo quanto o seu ambiente complementar.

O princípio da mutualidade caminha junto com a suposição da psicologia ecológica de que a unidade mínima de análise é o sistema formado pelo organismo-ambiente.²³ Como organismo e ambiente são complementares, eles devem ser investigados conjuntamente. Fatores ambientais não são menos fundamentais que os fatores do organismo para explicar o comportamento de organismos. Como salienta Mace, “pergunte não o que está dentro da sua cabeça, mas dentro do que está a sua cabeça”.²⁴ Organismos devem ser encarados como acoplados aos seus ambientes, tanto filogeneticamente quanto ontogeneticamente. Organismos tanto modificam quanto se sintonizam ao ambiente em que vivem e herdam de seus coespecíficos. A consequência metodológica dessa suposição é o comprometimento com os sistemas dinâmicos como ferramenta para modelar sistemas organismo-ambiente. Diversas variáveis organísmicas e ambientais se constroem mutuamente e continuamente, razão pela qual elas devem ser estudadas como elementos de um mesmo sistema dinâmico. Disso decorre que o próprio sistema tomado como um todo não pode ser explicado, como na visão mecanicista, apenas pelo funcionamento das partes. A função de uma parte, ao contrário, depende do modo como ela está acoplada aos demais elementos do sistema, isto é, ela depende do sistema como um todo. A chamada causalidade circular ou de cima para

²¹ CARVALHO, E. M. Psicologia Ecológica: Da Percepção à Cognição Social. In: ALVEZ DE SOUZA, M. J.; DE LIMA FILHO, M. M. (Eds.). *Escritos de Filosofia V: Linguagem e Cognição*. Porto Alegre: Fi, 2022, p. 367-393, cf. p. 381-388.

²² GIBSON, *The Ecological Approach to Visual Perception*, p. 130.

²³ RICHARDSON, M. J. et al. Ecological Psychology: Six Principles for an Embodied-Embedded Approach to Behavior. In: CALVO, P.; GOMILA, A. (Eds.). *Handbook of Cognitive Science: An Embodied Approach*. San Diego: Elsevier, 2008, p. 161-187, cf. p. 164.

²⁴ MACE, W. M. James J. Gibson's Strategy for Perceiving: Ask Not What's inside Your Head, but What Your Head's inside of. In: SHAW, R.; BRANSFORD, J.; BRANSFORD, J. (Eds.). *Perceiving, Acting and Knowing: Toward an Ecological Psychology*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates Publishers, 1977, p. 43-66, cf. p. 43.

baixo é crucial para entender o funcionamento de sistemas organismo-ambiente.²⁵ Por fim, o próprio comportamento e as suas funções cognitivas devem ser entendidas como emergentes e pertencentes ao sistema formado pelo organismo-ambiente. Mesmo um ato perceptual, que normalmente é compreendido como interno, é o resultado da sintonização fina entre organismo e ambiente. De modo similar, o controle do comportamento resulta da coordenação de múltiplos subsistemas do sistema organismo-ambiente, dispensando a suposição cognitivista de uma unidade central de controle executivo.²⁶ Vemos, assim, que a psicologia ecológica fornece uma concepção *sui generis* da cognição que se distancia das concepções mecanicistas, sejam elas behavioristas ou cognitivistas.

2 Solicitações

Como vimos, affordances são significativas para o organismo. Elas não são neutras, elas têm valência positiva ou negativa. Um penhasco, por exemplo, oferece queda para animais que não voam. Gibson reconhece ter se inspirado na noção de *caráter demandante*, articulada por Koffka, ao propor a noção de affordance.²⁷ Koffka distingue dois tipos de ambientes, o geográfico e o comportamental. O ambiente geográfico é o ambiente tal como descrito pela física. O ambiente comportamental é o ambiente tal como ele aparece para o indivíduo, em termos de ações solicitantes. Para ilustrar a diferença entre os ambientes, Koffka dá o exemplo de dois macacos lidando com a tarefa de apanhar bananas penduradas no teto e que eles não alcançam com a mão. No ambiente geográfico, há uma caixa. Para um dos macacos, a caixa aparece como ferramenta. Ele pega a caixa, coloca abaixo das bananas e sobe para pegá-las. O segundo tenta pegar as bananas inutilmente até cansar. Ele vê a caixa, que aparece para ele como um lugar para sentar e descansar, e senta sobre ela. Não é a caixa enquanto caixa que regula o comportamento do macaco, mas respectivamente a caixa como suporte e a caixa como cadeira, as quais pertencem aos ambientes comportamentais dos referidos macacos. Segundo Koffka, as coisas no ambiente comportamental demandam certas ações em virtude das necessidades dos agentes. Para o primeiro macaco, a caixa está “funcionalmente viva em relação à tendência de ação atual do macaco”.²⁸ Generalizando para outras situações do cotidiano humano, podemos di-

²⁵ BLAU, J. J. C.; WAGMAN, J. B. *Introduction to Ecological Psychology: A Lawful Approach to Perceiving, Acting, and Cognizing*. New York: Routledge, 2022.

²⁶ *Ibid.*, p. 52.; GIBSON, *The Ecological Approach to Visual Perception*, p. 215.

²⁷ GIBSON, *The Ecological Approach to Visual Perception*, p. 129.

²⁸ KOFFKA, K. *Principles of Gestalt Psychology*. New York: Kegan Paul, Trench, Trubner & Co. Ltd., 1936, p. 30.

zer que a caixa de correio nos convida a enviar cartas, a maçaneta quer ser agarrada e o chocolate quer ser comido.²⁹ Assim, para explicar como o comportamento é regulado, precisamos apelar para o significado — o caráter demandante — que as coisas têm no ambiente comportamental do organismo.

Segundo a leitura que Gibson faz de Koffka, esses significados estariam nos olhos do observador, não nas coisas, pois elas dependem das necessidades e interesses atuais do percebedor.³⁰ Tradicionalmente, o mínimo que se exige para uma posição realista é que o real exista independentemente da experiência atual do sujeito. O caráter demandante não parece atender esse requisito. Gibson sugere uma leitura mais realista das affordances, afastando-as do caráter demandante. Affordances existem mesmo que não sejam percebidas. Embora elas sejam relacionais e, portanto, existam dependentemente das habilidades dos organismos, elas não dependem da experiência corrente dos organismos para existir. Seu ser não é ser percebido. Conforme Gibson assinala, “A affordance de algo não muda quando a necessidade do observador muda. O observador pode ou não perceber ou estar atento à affordance, segundo as suas necessidades, mas a affordance, sendo invariante, está sempre lá para ser percebida”.³¹ O chocolate é comestível mesmo que não haja ninguém com fome nas redondezas.

No ambiente social estruturado pela nossa sociedade, a caixa de correio oferece a possibilidade de enviar cartas, quer os indivíduos ao redor estejam ou não interessados em enviar uma carta. Para Gibson, uma das vantagens da noção de affordance, ao apontar tanto para o organismo quanto para o ambiente, é superar a dicotomia entre físico e mental. O ambiente “não é mais tão físico e a experiência não é mais tão mental”³² quanto a tradição supôs. Se o caráter demandante é puramente mental, persistimos com a dicotomia e reforçamos o velho problema mente-corpo. Contudo, muitas vezes na psicologia ecológica recente sugerem que Gibson foi longe demais ao descartar a ideia de que algumas affordances são mais solicitantes, demandantes ou atrativas do que outras.³³ Pelo menos duas considerações pesam contra Gibson. A primeira é que o caráter demandante parece necessário para fazer justiça à fenomenologia da nossa experiência. Certas possibilidades de ações aparecem como mais solicitantes do que outras

²⁹ GIBSON, J. J. Notes on Affordances. In: REED, E. S.; JONES, R. (Eds.). *Reasons for Realism: Selected Essays of James J. Gibson*. New York: Routledge, 1982, p. 401-418, cf. p. 409.

³⁰ *Ibid.*; GIBSON, *The Ecological Approach to Visual Perception*, p. 130.

³¹ GIBSON, *The Ecological Approach to Visual Perception*, p. 130.

³² GIBSON, Notes on Affordances, p. 410.

³³ KIVERSTEIN, J.; VAN DIJK, L.; RIETVELD, E. The Field and Landscape of Affordances: Koffka’s Two Environments Revisited. *Synthese*, 2019; WITHAGEN, R. *et al.* Affordances Can Invite Behavior: Reconsidering the Relationship between Affordances and Agency. *New Ideas in Psychology*, v. 30, n. 2 (2012), p. 250-258; WITHAGEN, R. The Field of Invitations. *Ecological Psychology*, v. 35, n. 3 (2023), p. 102-115.

na própria experiência. A segunda é que não é claro como a percepção de affordances poderia guiar o comportamento sem o auxílio do caráter demandante. Como vimos, essa é a função primordial da percepção. Mas se percebemos um quantidade muito grande de affordances que não têm a qualidade do caráter demandante, torna-se premente e oneroso para o organismo decidir qual delas guiará o comportamento.

2.1 A estrutura da intencionalidade habilidosa

A abordagem da estrutura da intencionalidade habilidosa (*Skillful intentionality framework*) oferece uma explicação de como affordances se tornam solicitantes. Rietveld et al. definem a intencionalidade habilidosa como “o engajamento seletivo com múltiplas affordances simultaneamente em uma situação concreta”.³⁴ Baseados em um trabalho anterior sobre a concepção relacional de affordance, os autores definem affordances como “relações entre aspectos de um ambiente material e habilidades disponíveis em uma forma de vida”.³⁵ Uma forma de vida é constituída por padrões coordenados de comportamento entre indivíduos, é a maneira de um tipo de animal viver em um nicho ecológico. A noção de forma de vida é suficientemente ampla para abranger formas de vida sociais e não-sociais. A normatividade é um aspecto crucial das formas de vida sociais. Há maneiras corretas e incorretas ou melhores e piores de fazer as coisas em situações particulares. Essas maneiras se traduzem em affordances que Alan Costall chamou de *canônicas*.³⁶ Esse tipo de affordance depende de um sistema social de ordenações e convenções que confere uma função a um objeto ou evento. Uma cadeira em sala de aula oferece canonicamente a oportunidade de se sentar, seria inadequado ficar de pé sobre ela. Em um ambiente religioso, objetos sagrados oferecem canonicamente a oportunidade de reverenciar e contemplar, seria inadequado ou mesmo ultrajante brincar com eles. Affordances, tal como definidas, são relativas a formas de vida e, portanto, não deixam de existir quando um indivíduo imerso nessa forma de vida deixa de existir. Elas desaparecem apenas quando a forma de vida que lhe dão suporte desaparece.

Quando consideramos as affordances disponíveis em uma forma de vida, temos o que Rietveld et al. chamam de *paisagem de affordances*.³⁷ Trata-se

³⁴ RIETVELD; DENYS; VAN WESTEN, Ecological-Enactive Cognition as Engaging with a Field of Relevant Affordances: The Skilled Intentionality Framework (SIF), p. 42.

³⁵ RIETVELD, E.; KIVERSTEIN, J. A Rich Landscape of Affordances. *Ecological Psychology*, v. 26, n. 4 (2014), p. 325-352, cf. p. 335.

³⁶ COSTALL, A. Canonical Affordances in Context. *Avant*, v. III, n. 2 (2012), p. 85-93, cf. p. 90.

³⁷ RIETVELD; DENYS; VAN WESTEN, Ecological-Enactive Cognition as Engaging with a Field of Relevant Affordances: The Skilled Intentionality Framework (SIF), p. 47.

de um conjunto bastante rico, pois compreende todas as possibilidades de ações suportadas por uma forma de vida. Mesmo se nos restringirmos a uma situação ou local particular, esse conjunto ainda será muito abrangente e poderá, por exemplo, abarcar possibilidades de ações as quais um indivíduo em particular não é sensível. Em uma sala de aula, a possibilidade de fazer uma roda está disponível mesmo na presença de um indivíduo que nunca frequentou uma escola. Tal affordance apenas não estará saliente para ele. A saliência de affordances para um indivíduo em particular emerge quando consideramos as suas habilidades. Entra em cena a referida noção de intencionalidade habilidosa. Em uma situação concreta, o indivíduo engaja simultaneamente com um conjunto mais estreito de affordances. Um lutador de box, na situação de treino, é atraído por affordances de golpear, como o soco direto, o soco cruzado ou um gancho. Embora esse lutador tenha provavelmente a habilidade de fazer flexões, o chão não o solicita a flexionar neste contexto. Se o treino mal começou, a garrafa de água disponível ao lado do ringue solicita tenuemente a possibilidade de beber água.

A intencionalidade habilidosa torna o boxeador seletivamente aberto às possibilidades de ações relevantes para a sua atividade.³⁸ Por trás dessa capacidade está um processo contínuo de auto-organização por meio do qual o organismo busca superar estados de desequilíbrio em direção a um estado de equilíbrio ou controle ótimo (*optimal grip*) da situação.³⁹ O boxeador, por exemplo, precisa manter-se a uma certa distância do seu oponente para que as affordances de golpear adquiram um grau elevado do caráter demandante ou solicitante. Uma distância muito curta ou muito longa é inadequada para a realização dos golpes disponíveis e torna as affordances de golpear pouco solicitantes. Fenomenologicamente, o boxeador sente uma tensão, uma falta, que só é superada quando ele se aproxima da distância ótima para golpear o seu oponente. Outro conceito importante para compreender o caráter demandante, segundo Rietveld et al., é o de prontidão para a ação (*action readiness*).⁴⁰ A prontidão para ação é constituída por estados afetivos que refletem a tendência do indivíduo de modificar a sua relação com o ambiente em consonância com a atividade em que está engajado. Em outras palavras, ela caracteriza a preparação para ação. Affordances solicitantes são justamente aquelas que o organismo está preparado para realizar. Dependendo da posição, postura, cansaço e tensão dos seus músculos, o boxeador estará mais preparado para reali-

³⁸ BRUINEBERG, J.; CHEMERO, A.; RIETVELD, E. General Ecological Information Supports Engagement with Affordances for “Higher” Cognition. *Synthese*, v. 196, n. 12 (2019), p. 5231-5251, cf. p. 5234.

³⁹ RIETVELD; DENYS; VAN WESTEN, Ecological-Enactive Cognition as Engaging with a Field of Relevant Affordances: The Skilled Intentionality Framework (SIF), p. 54.

⁴⁰ *Ibid.*, p. 56.

zar alguns golpes do que outros, o que se traduzirá em affordances com diferenças graus do caráter solicitante.

O conjunto de affordances solicitantes para um organismo em uma situação particular constitui o que Rietveld et al. chamam de *campo de affordances*.⁴¹ O campo de affordances é relativo a um indivíduo. Ele é também dinâmico, muda muito rapidamente conforme ocorram mudanças no ambiente ou no organismo. Conforme o boxeador sue, por exemplo, a affordance de beber água torna-se mais solicitante. O campo de affordances compreende três dimensões: a dimensão do escopo — a variedade de affordances disponíveis simultaneamente em uma situação —, a dimensão solicitante — o grau do caráter demandante de cada affordance do campo —, e a dimensão temporal — o caráter antecipatório das affordances que compõem o campo. O campo de affordances se altera conforme cada uma dessas dimensões sofra modificações ao longo do tempo, como foi ilustrado com o caso do boxeador. Embora seja normalmente dinâmico e varie de situação para situação, anomalias persistentes no campo podem ser sintomas de transtornos mentais. Na depressão, por exemplo, o caráter solicitante das affordances do campo é muito baixo, o que pode ser traduzido em termos de um mundo pouco significativo que não solicita o indivíduo deprimido a agir. No transtorno obsessivo-compulsivo, algumas affordances do campo são tão solicitantes que se sobrepõe às demais, qualquer que seja a situação, o que pode ser traduzido em termos de um mundo que se abre para o indivíduo em termos de um único aspecto ou significado.⁴²

A abordagem da estrutura da intencionalidade habilidosa provê uma teoria da ação. Podemos pensar a intencionalidade habilidosa como uma capacidade que filtra e seleciona, dentre as affordances percebidas, aquelas que são relevantes para a ação do organismo na situação em que ele se encontra, conferindo-lhes o caráter demandante e a correspondente fenomenologia. Como salienta Dreyfus e Kelly, diante de uma solicitação, “nos *sentimos imediatamente levados a agir de uma determinada maneira*”.⁴³ Por fim, na perspectiva de Rietveld et al., solicitações são um subconjunto das affordances. Solicitações são affordances percebidas que compelem o sujeito a agir em uma dada situação. A paisagem e o campo de affordances servem a propósitos teóricos distintos. Se estamos interessados em avaliar se a ação de um indivíduo em uma situação é adequada ou não, apelamos para a paisagem de affordances da sua forma de vida. Mas se queremos explicar por que o organismo individual agiu como agiu, apelamos para o seu campo de affordances. Affordances solicitantes guiam o comportamento dos organismos.

⁴¹ *Ibid.*, p. 57.

⁴² DE HAAN, S. *et al.* The Phenomenology of Deep Brain Stimulation-Induced Changes in OCD: An Enactive Affordance-Based Model. *Frontiers in Human Neuroscience*, v. 7 (2013), p. 7.

⁴³ DREYFUS, H.; KELLY, S. D. Heterophenomenology: Heavy-handed Sleight-of-Hand. *Phenomenology and the Cognitive Sciences*, v. 6, n. 1 (2007), p. 45-55, cf. p. 52, ênfase no original.

2.2 Withagen e a psicologia gibsoniana afetiva

Rob Withagen tem feito um grande esforço para incorporar a afetividade na abordagem ecológica,⁴⁴ sobretudo pela articulação da noção de solicitação.⁴⁵ Em grande medida, ele subscreve — na verdade, ele colaborou para formular — a abordagem da estrutura da intencionalidade habilidosa. Para Withagen, a afetividade é crucial para acomodar a variação de respostas entre indivíduos em situações similares. Por exemplo, ele menciona a reação diametralmente oposta de dois professores com capacidades intelectuais similares a um convite para participar de um congresso. O primeiro se entusiasma com a oportunidade de discutir as suas ideias e receber críticas dos colegas e aceita o convite prontamente. O segundo teme a possibilidade de uma audiência que vilipendie o seu trabalho e procura por desculpas para rejeitar o convite.⁴⁶ Segundo Withagen, temos de olhar para o histórico de desenvolvimento desses indivíduos e a maneira como as suas reações emotivas constituíram diferentemente as suas percepções de situações perigosas. O abandono é uma situação de elevado risco de vida para uma criança, expondo-a a extremos de vulnerabilidade. Não é incomum que crianças que passaram pelo trauma do abandono desenvolvam o medo por outras situações em que a sua aceitação esteja em jogo. Tornam-se adultos que evitam relacionamentos, fazer apresentações públicas, ou pedir uma promoção no emprego. Algo nessas situações evoca inconscientemente o trauma infantil e desencadeia a resposta defensiva do medo, fazendo com que esses adultos percebam como perigosas situações que não são perigosas para eles.⁴⁷

Para lidar com esses casos, Withagen sugere que é necessário reelaborar a noção de percepção errônea. Tradicionalmente, na psicologia ecológica, percepção é entendida como contato direto. A percepção é formada por um conjunto de sistemas que mantém o nosso contato com as affordances do ambiente circundante. Por contraste, percepções errôneas são casos em que os sistemas perceptivos falham em capturar informação ecológica disponível ou capturam informação parcial que não é suficiente para especificar uma affordance.⁴⁸ De modo mais relaxado, podemos entender a capacidade dos sistemas perceptivos de manter o contato com as affordances do ambiente como envolvendo algum tipo de gradação. Percepções errôneas seriam, então, um contato frouxo com as affordances do ambiente.⁴⁹ Segundo Withagen, essas caracterizações não acomodam adequadamente os casos

⁴⁴ WITHAGEN, *Affective Gibsonian Psychology*.

⁴⁵ WITHAGEN, *The Field of Invitations*.

⁴⁶ WITHAGEN, *Affective Gibsonian Psychology*, p. 90.

⁴⁷ *Ibid.*

⁴⁸ CARVALHO, *An Ecological Approach to Disjunctivism.*, p. 295.

⁴⁹ WITHAGEN, *Affective Gibsonian Psychology*, p. 89.

que ele tem em mente, como o caso do professor. Outro caso que ele explora é o medo de aranhas, em especial na Holanda, onde não há aranhas venenosas. Nesse ambiente, a percepção de aranhas como perigosas é um caso de percepção errônea, já que elas não oferecem nenhum perigo a humanos. Ambos os casos não podem ser descritos como situações em que o indivíduo tem um contato frouxo com as affordances do ambiente, pois eles percebem perigo onde não há nenhum. Nesses casos, esses indivíduos não estão em contato algum com affordances.

Withagen propõe caracterizar a percepção errônea como uma relação distorcida ou perturbada com o ambiente.⁵⁰ A relação do indivíduo com o ambiente torna-se distorcida em virtude de respostas emocionais mal adaptadas. O professor que teme apresentar a sua pesquisa não é alguém que está com um contato frouxo com o que o seu ambiente oferece, mas um contato distorcido. Devido a reações emocionais mal adaptadas e exageradas, o professor não tem uma relação normal com o seu ambiente. Nesses casos, o indivíduo não habita completamente o seu ambiente, mas debate-se com ele. A distinção entre paisagem e campo de affordances é útil aqui. Em relação à paisagem de affordances, pode-se dizer que o professor que rejeita o convite e a pessoa que teme aranhas na Holanda exibem comportamentos inadequados para as suas formas de vida, já que nos seus respectivos ambientes, a palestra e a aranha não oferecem nenhum perigo real. Em relação ao campo de affordances, Withagen introduz uma novidade. Como nos casos que ele discute os sujeitos em questão não estão em contato com uma affordance, o campo em questão não pode ser constituído apenas por affordances solicitantes. Para Withagen, o gênero solicitações comporta pelo menos duas espécies: as affordances percebidas com algum grau do caráter demandante e as percepções errôneas que também têm algum grau do caráter demandante. Como ele salienta, as “solicitações não são sempre dependentes de affordances”,⁵¹ ou ainda, “nem toda solicitação é o resultado da percepção de possibilidades de ações”.⁵² Assim, no lugar do conceito de *campo de affordances*, ele propõe o conceito de *ambiente vivido*, o qual abrange tanto casos de percepções solicitantes quanto casos de percepções errôneas solicitantes. Ao contrário do que supõem Rietveld et al., solicitações também resultam de percepções errôneas de affordances. O professor que percebe o convite para palestrar como uma ameaça à sua carreira ou a pessoa holandesa que percebe a aranha como perigosa se sentem solicitados ou compelidos a evitar essas situações mesmo não havendo nenhum perigo real para elas.

Como já salientamos na subseção anterior, as solicitações explicam por que o organismo age da maneira como age. No entanto, apesar de as solicitações

⁵⁰ *Ibid.*, p. 91.

⁵¹ *Ibid.*, p. 94.

⁵² WITHAGEN, *The Field of Invitations*, p. 4.

indicarem o que algo faz com o organismo, compelindo-o a agir de uma determinada maneira, solicitações não são causas do comportamento em um sentido mecanicista.⁵³ Caso contrário, estaríamos de volta ao modelo estímulo-resposta. Para Withagen, a agência envolve a capacidade do organismo de resistir às solicitações do ambiente,⁵⁴ se for mais conveniente fazê-lo. Como os organismos estão normalmente engajados com múltiplas solicitações simultaneamente, algumas delas possivelmente com o mesmo grau solicitante, nenhuma delas tem mais razão de ser a causa do comportamento do que as demais. Assim, é mais adequado caracterizar as solicitações não como causando, mas como constrangendo as ações dos organismos. Se o boxeador vai dar um soco ou buscar a garrafa de água que está do lado de fora do ringue, é algo que as solicitações dão conta de explicar, mas se ele vai dar um gancho ou um soco cruzado, depende também do processo contínuo de auto-organização do seu acoplamento com o ambiente.

3 Toda percepção de affordances é afetiva

Nesta seção, vou apresentar algumas preocupações com a abordagem da estrutura da intencionalidade habilidosa e a extensão da noção de solicitações, realizada por Withagen, para abarcar tanto affordances quanto percepções errôneas. Também vou sustentar que a distinção entre paisagem e campo de affordances deve ser entendida em um sentido mais fraco do que aquele que encontramos na literatura e que devemos tomar certos cuidados ao usar o conceito de *paisagem de affordances*. Por fim, sustento que toda percepção de affordances envolve a afetividade de alguma forma.

Começamos pela extensão da noção de solicitações. Os casos que ensejam a extensão da noção de solicitação são casos que Withagen descreve como envolvendo a percepção de uma situação não perigosa como sendo perigosa. Sendo assim, uma situação é percebida como tendo um aspecto ou propriedade que ela não possui. Trata-se de um caso clássico de ilusão. Tradicionalmente, casos de ilusão assim descritos ou são explicados pela introdução de dados dos sentidos que possuem a propriedade que o objeto ou situação parece ter, ou pela introdução de representações internas que, no caso, são falsas. Em ambos os casos, temos a introdução de entidades internas que vão acabar nos levando para uma concepção internista da experiência.⁵⁵ A dificuldade que isso levanta para Withagen

⁵³ COSTALL, From Darwin to Watson (and Cognitivism) and Back Again: The Principle of Animal- Environment Mutuality, p. 181.

⁵⁴ WITHAGEN, The Field of Invitations, p. 9.

⁵⁵ Para uma discussão deste ponto e do argumento da ilusão, veja (CARVALHO, E. M. Epistemologia da Percepção. Em: DE OLIVEIRA, R. E. et al. (Eds.). *Compêndio de Epistemologia*. Porto Alegre: Editora Fi, 2022, p. 268-286).

é que ao mesmo tempo ele sustenta que solicitações são pessoais, mas elas não “implicam um mundo mental interno”.⁵⁶ Assim, ele nos deve uma explicação da fenomenologia dos casos de ilusão, tal como ele os descreve, que não envolva a postulação de entidades internas. Outra dificuldade associada é que ao agrupar percepções e ilusões como espécies de solicitações, Withagen vai de encontro à proposta de Gibson de que princípios diferentes devem explicar casos de percepção e casos de erro perceptual.⁵⁷ Como salientamos na seção anterior, na abordagem ecológica tradicional, percepção é captura de informação ambiental, erros perceptuais ocorrem quando a informação é incompleta ou quando não há captura da informação ecológica disponível.

Também devemos nos perguntar se os casos que ensejaram a extensão da noção de solicitação não poderiam ser descritos de outro modo. São mesmos casos de erro perceptual? Tomemos o caso do professor tímido. Será mesmo correto dizer que a situação de apresentação, mesmo que catastrófica, não oferece perigo para o professor? O fato de não oferecer risco imediato de vida não implica que não possa oferecer risco de um episódio traumático com consequências significativas para a vida desse professor. Imagine uma audiência majoritariamente hostil não só às ideias desse professor, mas à própria pessoa dele. Ninguém confraterniza com ele ao longo do congresso. Sua timidez e inabilidades sociais só agravam a sua situação, pois raramente ele se mostra suficientemente aberto para solicitar nos demais alguma aproximação. Durante a apresentação, fica nervoso e não consegue expor-se com a diligência e clareza que, em situações mais amistosas e familiares, é capaz de exibir. No final da sua apresentação, os poucos colegas que fazem perguntas são ríspidos, grosseiros e desmerecem o seu trabalho. O professor sente-se isolado e não consegue se defender. Vê-se tomado por um forte sentimento de fracasso. É de se esperar que tal episódio tenha um impacto profundo sobre a sua auto-confiança e que a sua carreira possa sofrer algum prejuízo conforme circulem rumores e fofocas sobre o seu desempenho no congresso. Se affordances são relações entre aspectos de uma situação e as habilidades de um indivíduo,⁵⁸ perceber a situação de participar do congresso como oferecendo perigo, dadas as habilidades sociais e afetivas que ele possui, parece ser um acerto perceptual, não um erro. O fato de o professor arrojado perceber a situação como oferecendo uma oportunidade para promover as suas ideias não é razão suficiente para pensarmos que um dos dois tem de estar errado sobre a situação. Lembremos que, segundo a psicologia ecológica, organismos percebem affordances e que affordances são relações entre o ambiente e o organismo. Se as habilidades emocionais e sociais dos professores são

⁵⁶ WITHAGEN, *The Field of Invitations*, p. 11.

⁵⁷ GIBSON, *The Senses Considered as Perceptual Systems*, p. 287.

⁵⁸ CHERO, *Radical Embodied Cognitive Science*, p. 250.

distintas, então as suas relações com o ambiente também diferem. As affordances disponíveis para eles não são as mesmas.

Considerações similares podem ser feitas para o caso do holandês que percebe aranhas como oferecendo perigo. Aqui é preciso distinguir entre perigo biológico e perigo prático. Se aranhas na Holanda não são venenosas, então realmente elas não oferecem nenhum risco de envenenamento por picada. Ainda assim, poderiam oferecer risco de alergia, o que justificaria certo medo e receio. Contudo, mesmo que não houvesse qualquer tipo de risco biológico, fatal ou não, não se segue que não possa haver riscos práticos para essa pessoa ao lidar com aranhas. Seu medo e receios podem, na verdade, ser um reflexo da sua inabilidade de lidar com aranhas. Ela não sabe como pegar uma aranha, nem consegue antecipar os seus movimentos. Como qualquer outra situação desconhecida, a presença da aranha oferece preocupação, receio e até medo para essa pessoa. A qualidade da sua relação com aranhas é ruim, já que ela não consegue antecipar nem os movimentos das aranhas, nem as suas próprias reações diante do contato com aranhas. O medo, nesse caso, reverbera a relação frágil e débil com aranhas, o que é crucial para guiar o seu comportamento de modo adequado. Imagine que alguém coloque uma aranha no braço dessa pessoa. Não surpreende que ela reaja como reagiria se fosse colocado em seu braço qualquer outro animal desconhecido, por exemplo, buscando livrar-se dele de modo afobado. Muito diferente seria a situação em que alguém coloca em seu braço uma lagartixa com a qual, vamos supor, ela está familiarizada e manipula desde criança. Podemos inclusive prever que a familiaridade com aranhas e o treino em lidar com elas será acompanhado da diminuição ou perda do medo de aranhas. Essas considerações não pretendem que casos graves de aracnofobia sejam tomados como mero reflexo da inabilidade de lidar com aranhas, embora esse fator provavelmente seja parte da explicação e, em casos brandos, toda a explicação. Casos graves de aracnofobia, no entanto, não são fenômenos meramente perceptuais. A pessoa que vive preocupada em evitar aranhas não é apenas alguém inábil para lidar com aranhas e perceber as suas affordances, mas também obcecada com elas. Essas considerações, de qualquer forma, são suficientes para mitigar a necessidade de estender a noção de solicitação para abarcar erros perceptuais.

Toda habilidade que se manifesta pela interação com o ambiente envolve a afetividade de alguma maneira, pois o seu exercício depende da qualidade da relação entre o organismo e o seu ambiente. Ao perceber uma affordance, percebemos também a sua qualidade. Dennis Proffitt realizou uma série de experimentos para mostrar a modulação da percepção por estados de potencial fisiológico.⁵⁹ Nesses experimentos, os participantes são convidados

⁵⁹ PROFFITT, D. R. Embodied Perception and the Economy of Action. *Perspectives on Psychological Science: a Journal of the Association for Psychological Science*, v. 1, n. 2 (2006), p. 110-122.

a avaliar a inclinação de ladeiras no contexto da atividade possível de subirlas. A maioria dos participantes superestimaram a inclinação da ladeira. Por exemplo, ladeiras de 5° foram avaliadas como tendo 20°. A explicação de Proffitt é que, no contexto da atividade de subir a ladeira, o custo energético para chegar ao topo é levado em consideração. Em outros experimentos, os participantes são convidados a estimar a inclinação da ladeira antes e depois de ter corrido por uma hora ou carregando uma mochila pesada e sem ela. Novamente, a maioria dos participantes percebe a ladeira como mais inclinada após ter corrido por uma hora ou quando estão carregando uma mochila pesada do que quando estão descansados ou sem nenhum peso nas costas.⁶⁰ Na mesma linha de investigação, Stefanucci et al.⁶¹ testou se o medo pode afetar a percepção da inclinação de ladeiras. Nesse caso, os participantes foram convidados a estimar uma ladeira de 7° a partir do seu topo. Na condição amedrontadora, os participantes avaliaram a inclinação enquanto mantinham-se de pé sobre uma plataforma. Na condição normal, avaliaram de dentro de uma caixa de madeira. Participantes na condição amedrontadora superestimaram a inclinação da ladeira em comparação com participantes na condição normal. A explicação para a superestimação é que o custo de queda ou de ferimento no corpo modula a percepção da inclinação. Em ambos os casos, podemos dizer que o potencial fisiológico e o medo rastreiam a qualidade da relação entre os participantes e as ladeiras avaliadas.⁶² O sujeito cansado ou carregando uma mochila pesada tem uma relação de escalabilidade débil com o cume da ladeira, enquanto o sujeito descansado ou livre de peso nas costas tem uma relação boa. Essa diferença se reflete no caráter solicitante. A ladeira solicita ao último subir, mas não ao primeiro. Suponha agora a situação de um sujeito na beira de um penhasco. A qualidade da affordance de andar com um pé só na beira de um penhasco é fraca. O medo e a apreensão refletem o risco de cair e a habilidade precária do sujeito de andar com um pé só na beira de um penhasco confiavelmente. Nessas condições, a affordance de andar com um pé só, embora disponível, não é solicitante. Pode-se prever que o medo e a apreensão cedam e a affordance torne-se solicitante a partir do treinamento.

Conjecturo que toda percepção de affordance envolve a afetividade, pois ela é crucial para rastreamos a qualidade da affordance. A qualidade da affordance, por sua vez, determina o seu caráter solicitante. A afetividade está diretamente ligada à prontidão para a ação que, na abordagem de Rietveld et al., constitui as affordances solicitantes. Em diferentes contextos, dados os estados afetivos e de potencial fisiológico, os organismos estão mais ou menos prontos para realizar determinadas ações. Possibilidades de ações

⁶⁰ *Ibid.*, p. 114.

⁶¹ STEFANUCCI, J. K. et al. Skating down a Steeper Slope: Fear Influences the Perception of Geographical Slant. *Perception*, v. 37, n. 2 (2008), p. 321-323.

⁶² CARVALHO, Affective Affordances Direct Perception Meets Affectivity, p. 46.

que o organismo está em melhores condições de realizar são justamente as affordances mais solicitantes, aquelas que se destacarão no campo perceptual do organismo como demandando uma certa ação. Por contraste, possibilidades de ações que o organismo não está em condições de realizar — imagine um sujeito que se recupera de uma cirurgia cardiovascular e vê-se diante de uma ladeira bem íngreme — são aversivas. Fenomenologicamente, elas também se destacam no campo perceptual do organismo. O ambiente aparece para o organismo como oferecendo obstáculo e resistência, exortando-o a realizar ações em outro sentido. Assim, as affordances percebidas, em função do contexto, dos estados afetivos e, portanto, da preparação para a ação, formam um contínuo que vai das affordances mais solicitantes até as affordances mais aversivas. Não há, portanto, affordance cuja percepção não seja de alguma forma mediada pela afetividade em geral. Por afetividade, deve-se entender não apenas emoções particulares, como o medo, e estados de potencial fisiológico, mas também humores e o ânimo do organismo. Já mencionei como o humor depressivo pode afetar o caráter solicitante de affordances. O ânimo ou entusiasmo também. Em um estudo de Schnall et al.,⁶³ constatou-se que ladeiras parecem mais íngremes quando o indivíduo se engaja na atividade de subi-la sozinho do que na companhia de amigos. O ânimo decorrente da realização de uma possibilidade de ação junto com pessoas próximas contribui para o seu caráter solicitante. Assim, qualquer elemento afetivo pode impactar o exercício das habilidades que estruturam o campo perceptual do organismo e, portanto, mediar a percepção das possibilidades de ações correspondentes.

O campo perceptual é, portanto, composto por affordances com diferentes graus do caráter solicitante/aversivo. Em relação ao campo de affordances, tal como articulado por Reitveld et al., enfatizo que o campo perceptual não é composto apenas por solicitações positivas, que demandam uma ação, mas também por solicitações negativas, que obstruem uma ação. Caracterizei essas últimas como aversivas. Não precisamos, contudo, de um conceito adicional ao de *solicitação*. Como a afetividade envolve valências positivas ou negativas em relação a um organismo, as solicitações que elas constituem também envolvem valências positivas ou negativas. A literatura sobre solicitações enfatiza muito as solicitações positivas, mas é preciso dar igual atenção e espaço para as solicitações negativas ou affordances aversivas, pois elas igualmente constroem o comportamento do organismo e ajudam a explicar por que ele age como age.

Embora eu não me oponha ao uso do conceito de *paisagem de affordances*, sugiro que alguns cuidados precisam ser tomados. Habilidades são propriedades do sistema organismo-ambiente. Sistemas individuais têm habilidades. Falar em

⁶³ SCHNALL, S. et al. Social Support and the Perception of Geographical Slant. *Journal of Experimental Social Psychology*, v. 44, n. 5 (2008), p. 1246-1255.

“habilidades disponíveis em uma forma de vida” corre o risco de reificar a forma de vida. Uma consequência negativa dessa reificação é tomar a forma de vida como norma única ou máxima para avaliar a adequação ou saúde do sistema organismo-ambiente particular. Withagen comete esse deslize em várias ocasiões. O professor receoso é avaliado por ele como alguém que percebe a situação de apresentar um trabalho incorretamente, pois essa situação não oferece *objetivamente* nenhum risco para pessoas adultas na nossa forma de vida.⁶⁴ Na mesma linha, ele afirma que apesar do abandono ser uma situação de elevado risco para uma criança, a possibilidade de abandono não é *objetivamente* perigosa para um adulto. Assim, adultos que percebem um abandono potencial como oferecendo perigo percebem erroneamente e têm uma relação distorcida com o ambiente.⁶⁵ Um adulto certamente é, em geral, menos vulnerável que uma criança, mas cada situação enseja uma avaliação particular dados os estados afetivos e as habilidades do indivíduo. Não há razão para pensar que um episódio de abandono, a depender de como ele se configura e das condições em que o adulto se encontra, não possa ser traumático e gerar um dano profundo para esse adulto em particular. Apelar para affordances objetivas disponíveis na forma de vida não parece ser uma maneira adequada de avaliar esses casos. Ao fazê-lo, perdemos de vista que a principal unidade de análise na psicologia ecológica é o sistema organismo-ambiente. Affordances, mesmo quando não percebidas, dependem da existência de um organismo com certas habilidades. Elas são relativas a um organismo individual. Podemos, claro, falar de affordances de uma espécie ou disponíveis numa forma de vida na medida em que indivíduos dessa espécie ou forma de vida têm habilidades similares e as manifestam em situações e contextos similares. Ainda assim, tratam-se de affordances diferentes para cada indivíduo. Além disso, a adequação ou saúde da relação de um organismo individual com o seu ambiente não pode ser avaliada apenas em relação ao que acontece com a média dos organismos da sua espécie. Respeitando esses cuidados, o conceito de *paisagem de affordances* é útil quando estamos interessados no comportamento de vários indivíduos de uma mesma espécie ou forma de vida em determinadas situações, ou quando estamos interessados nas affordances disponíveis em um ambiente independentemente de serem percebidas por algum indivíduo.

Conclusão

A noção de *solicitação* tornou-se central na literatura da psicologia ecológica, em especial, para oferecer uma resposta ao problema de determinar qual affordance percebida guia o comportamento. Affordances solicitantes são

⁶⁴ WITHAGEN, *Affective Gibsonian Psychology*, p. 91.

⁶⁵ *Ibid.*, p. 96.

aquelas que constroem e guiam o comportamento. A noção também foi cooptada por Withagen para incorporar a afetividade na abordagem ecológica. Contudo, ele estendeu a noção de solicitações para abranger também percepções errôneas. Argumentei contra essa extensão. Se entendemos corretamente como a afetividade participa do processo perceptivo, notamos que as situações que Withagen descreve como envolvendo erro perceptual são, ao contrário, casos de acerto perceptual. Afetos permitem que o organismo note a qualidade da sua relação com o ambiente, o que é fundamental para orientar-se no ambiente. Toda percepção de affordances é mediada pela afetividade. A afetividade é o que confere caráter demandante às affordances percebidas, criando um campo de affordances solicitantes e aversivas, em diferentes graus.

Agradecimentos

Este artigo foi baseado em um trabalho apresentado no 11º Colóquio Internacional de Filosofia da Mente, “A mente afetiva”, sediado na FAJE, em Belo Horizonte, em novembro de 2023. Agradeço aos organizadores do evento pela oportunidade de discutir o meu trabalho e aos presentes pelas questões levantadas, as quais me permitiram refinar alguns dos meus argumentos. Agradeço em especial as sugestões e questões levantadas pela colega Mariana Broens.

Referências

- BLAU, J. J. C.; WAGMAN, J. B. *Introduction to Ecological Psychology: A Lawful Approach to Perceiving, Acting, and Cognizing*. New York: Routledge, 2022.
- BRUINEBERG, J.; CHEMERO, A.; RIETVELD, E. General Ecological Information Supports Engagement with Affordances for “Higher” Cognition. *Synthese*, v. 196, n. 12 (dez. 2019), p. 5231-5251.
- CARVALHO, E. M. An Ecological Approach to Disjunctivism. *Synthese*, v. 198, n. S1 (jan. 2021), p. 285-306.
- CARVALHO, E. M. Psicologia Ecológica: Da Percepção à Cognição Social. In: ALVEZ DE SOUZA, M. J.; DE LIMA FILHO, M. M. (Eds.). *Escritos de Filosofia V: Linguagem e Cognição*. Porto Alegre: Fi, 2022, p. 367-393.
- CARVALHO, E. M. Epistemologia da Percepção. Em: DE OLIVEIRA, R. E. et al. (Eds.). *Compêndio de Epistemologia*. Porto Alegre: Editora Fi, 2022, p. 268-286.
- CARVALHO, E. M. Affective Affordances Direct Perception Meets Affectivity. *Perspectiva Filosófica*, v. 49, n. 5 (2022), p. 29-51.
- CARVALHO, E. M. DE; ROLLA, G. An Enactive-Ecological Approach to Information and Uncertainty. *Frontiers in Psychology*, v. 11, n. April (abr. 2020), p. 1-11.

- CHEMERO, A. *Radical Embodied Cognitive Science*. Cambridge: The MIT Press, 2009.
- CLOUGH, P. T. *The Affective Turn: Theorizing the Social*. Durham: Duke University Press, 2007.
- COSTALL, A. From Darwin to Watson (and Cognitivism) and Back Again: The Principle of Animal- Environment Mutuality. *Behavior and Philosophy*, v. 32, n. 1 (2004), p. 179-195.
- COSTALL, A. Canonical Affordances in Context. *Avant*, v. III, n. 2 (2012), p. 85-93.
- DE HAAN, S. et al. The Phenomenology of Deep Brain Stimulation-Induced Changes in OCD: An Enactive Affordance-Based Model. *Frontiers in Human Neuroscience*, v. 7, 2013.
- DREYFUS, H.; KELLY, S. D. Heterophenomenology: Heavy-handed Sleight-of-Hand. *Phenomenology and the Cognitive Sciences*, v. 6, n. 1 (mar. 2007), p. 45-55.
- DUPUY, J.-P. *The Mechanization of the Mind: On the Origins of Cognitive Science*. Princeton: Princeton University Press, 2000.
- GIBSON, E. J. *Principles of Perceptual Learning and Development*. New York: Meredith Corporation, 1969.
- GIBSON, J. J. *The Senses Considered as Perceptual Systems*. London: George Allen & Unwin LTD, 1966/1968.
- GIBSON, J. J. The Concept of the Stimulus in Psychology. *American Psychologist*, v. 15, n. 11 (1960), p. 694-703.
- GIBSON, J. J. On the Proper Meaning of the Term "Stimulus". *Psychological Review*, v. 74, n. 6 (1967), p. 533-534.
- GIBSON, J. J. The Myth of Passive Perception: A Reply to Richards. *Philosophy and Phenomenological Research*, v. 37, n. 2 (dez. 1976), p. 234.
- GIBSON, J. J. Notes on Affordances. In: REED, E. S.; JONES, R. (Eds.). *Reasons for Realism: Selected Essays of James J. Gibson*. New York: Routledge, 1982, p. 401-418.
- GIBSON, J. J. Notes on Action. In: REED, E. S.; JONES, R. (Eds.). *Reasons for Realism: Selected Essays of James J. Gibson*. New York: Routledge, 1982, p. 385-392.
- GIBSON, J. J. *The Ecological Approach to Visual Perception, Classical Edition*. New York: Psychology Press, 2015.
- GIBSON, J. J.; GIBSON, E. J. Perceptual Learning: Differentiation or Enrichment? *Psychological Review*, v. 62, n. 1 (1955), p. 32-41.
- HURLEY, S. Perception and Action: Alternative Views. *Synthese*, v. 129 (2001), p. 3-40.
- KIVERSTEIN, J.; VAN DIJK, L.; RIETVELD, E. The Field and Landscape of Affordances: Koffka's Two Environments Revisited. *Synthese*, 2019.
- KOFFKA, K. *Principles of Gestalt Psychology*. New York: Kegan Paul, Trench, Trubner & Co. Ltd., 1936.
- LEE, D. N.; LISHMAN, R. Visual Control of Locomotion. *Scandinavian Journal of Psychology*, v. 18, n. 1 (set. 1977), p. 224-230.

MACE, W. M. James J. Gibson's Strategy for Perceiving: Ask Not What's inside Your Head, but What Your Head's inside of. In: SHAW, R.; BRANSFORD, J.; BRANSFORD, J. (Eds.). *Perceiving, Acting and Knowing: Toward an Ecological Psychology*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates Publishers, 1977, p. 43-66.

PROFFITT, D. R. Embodied Perception and the Economy of Action. *Perspectives on Psychological Science*, v. 1, n. 2 (jun. 2006), p. 110-122.

RICHARDSON, M. J. et al. Ecological Psychology: Six Principles for an Embodied-Embedded Approach to Behavior. In: CALVO, P.; GOMILA, A. (Eds.). *Handbook of Cognitive Science: An Embodied Approach*. San Diego: Elsevier, 2008, p. 161-187.

RIETVELD, E.; DENYS, D.; VAN WESTEN, M. Ecological-Enactive Cognition as Engaging with a Field of Relevant Affordances: The Skilled Intentionality Framework (SIF). In: NEWEN, A.; DE BRUIN, L.; GALLAGHER, S. (Eds.). *The Oxford Handbook of 4E Cognition*. Oxford: Oxford University Press, 2018, p. 40-70.

RIETVELD, E.; KIVERSTEIN, J. A Rich Landscape of Affordances. *Ecological Psychology*, v. 26, n. 4 (2014), p. 325-352.

SCHNALL, S. et al. Social Support and the Perception of Geographical Slant. *Journal of Experimental Social Psychology*, v. 44, n. 5 (set. 2008), p. 1246-1255.

STEFANUCCI, J. K. et al. Skating down a Steeper Slope: Fear Influences the Perception of Geographical Slant. *Perception*, v. 37, n. 2 (fev. 2008), p. 321-323.

WARREN, W. H. Perceiving Affordances: Visual Guidance of Stair Climbing. *Journal of experimental psychology. Human perception and performance*, v. 10, n. 5 (1984), p. 683-703.

WITHAGEN, R. et al. Affordances Can Invite Behavior: Reconsidering the Relationship between Affordances and Agency. *New Ideas in Psychology*, v. 30, n. 2 (ago. 2012), p. 250-258.

WITHAGEN, R. *Affective Gibsonian Psychology*. New York, NY: Routledge, 2022.

WITHAGEN, R. The Field of Invitations. *Ecological Psychology*, v. 35, n. 3 (jul. 2023), p. 102-115.

Eros Moreira de Carvalho

Endereço profissional:

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Campus do Vale

Departamento de Filosofia

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH)

Av. Bento Gonçalves, 9500 – Prédio 43311 — Sala 211